

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 9

CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 04/01/2021

Monielly Suelen Gomes Barboza

Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas
Piranhas, Alagoas

<http://lattes.cnpq.br/7222276870334449>

* Artigo originalmente apresentado no V Encontro Nacional de História do Sertão, no ano de 2018, como produção científica do curso de mestrado. [Adaptado].

RESUMO: A presença da Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), na cidade de Piranhas, interior do estado de Alagoas, em meados do século XX, causou, por conta da construção de uma usina hidrelétrica, diversas mudanças no cotidiano da população local, inclusive com a chegada de dezenas de trabalhadores de outras localidades que se instalaram em Piranhas para trabalhar na construção da usina, assim como também na infraestrutura, geografia e, principalmente, na estrutura social da população da cidade. O presente artigo busca demonstrar, e também, entender as mudanças sociais que ocorreram pela intervenção da Chesf, além de mostrar como essas mudanças levaram a população à conflitos internos, baseados nas imposições da Companhia.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade, Conflitos, Chesf.

INTERNAL CONFLICTS: SOCIAL DEVELOPMENTS IN THE CITY OF PIRANHAS/AL IN DETRIMENT OF CHEF'S INTERVENTION (1980-2000)

ABSTRACT: Chef's presence (San Francisco Hydroelectric Company) in the city of Piranhas inland from the state of Alagoas, in the mid-nineteenth century, caused, due to the construction of a hydroelectric plant, several changes in the daily lives of the local population, including the arrival of dozens of workers from other locations who settled in Piranhas to work on the construction of the plant, as well as in infrastructure, geography and, mainly, in the social structure of the city's population. This article seeks to demonstrate, and also, understand the social changes that occurred through Chef's intervention, in addition to showing how these changes led the population to internal conflicts, based on the Company's impositions.

KEYWORDS: Society, Conflicts, Chesf.

1 | SURGIMENTO DA CHESF E SUA CHEGADA EM PIRANHAS/AL

A Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf -, surge na década de 1940 com o intuito, e com a responsabilidade de atender as populações, principalmente da região Nordeste do país, com a produção e distribuição de energia elétrica, é com esse propósito que surge esse projeto de Companhia.

A Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf -, com sede em Recife, capital do estado de Pernambuco, é uma empresa de economia mista [...] Com a missão de produzir, transmitir e comercializar energia elétrica, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da Região Nordeste. [...] A Companhia foi a principal agência executora da política energética na Bacia Hidrográfica do São Francisco, onde estão instaladas suas principais usinas hidrelétricas.¹

Uma das primeiras e mais importantes usinas a serem construídas, foi a usina de Paulo Afonso I, no início da década de 1950, na cidade de Paulo Afonso/BA, que, ao longo dos anos seguintes, abriga o que chamamos de complexo hidrelétrico na cidade, que consiste nas usinas Paulo Afonso I, II, III e IV, conquistando um lugar importante no que diz respeito a distribuição de energia elétrica. Essa construção da primeira hidrelétrica em Paulo Afonso já propicia a Chesf a conhecer a cidade de Piranhas, no estado de Alagoas, e, desde então, se desperta o interesse em construir uma hidrelétrica também na região alagoana.

Em 1951, a Câmara de vereadores de Pirapora (norte de Minas Gerais) envia ofício à Câmara de vereadores de Piranhas para tratar de gestões em favor da 'execução do plano geral de aproveitamento econômico do Vale do São Francisco'.

No mesmo documento é solicitado aos vereadores locais que se dirijam à Câmara de Maceió e aos senadores pro Alagoas 'para que este estado seja beneficiado com energia elétrica produzida pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco, na mesma época em que a receberão os estados de Pernambuco e Bahia'.²

Esse interesse em construir uma usina hidrelétrica em Piranhas se concretiza apenas no final da década de 1970, quando, nesse período foram liberados os recursos para a realização da construção da usina, inclusive os recursos hídricos, proporcionando assim que a maior usina do complexo Chesf fosse construída.

A partir da década de 1980, com a Chesf instalada na cidade de Piranhas, inicia-se as construções de bairros para abrigar os trabalhadores que iriam atuar na construção da usina, e com a chegada dessas pessoas e das ações da Companhia em Piranhas, ocorrem mudanças, em todos os âmbitos, na cidade e, por conseguinte, com a população, o que trabalhamos de forma inicial neste artigo são os conflitos sociais surgidos pelo “fenômeno” Chesf.

1. SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas**: Conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó, p. 45 pdf.

2. OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da História do Baixo São Francisco**: Um ensaio sobre a estrada de Ferro de Paulo Afonso. Centro de ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol.4 nº 8 abril/setembro de 2003 – semestral, p. 272.

2 | DESDOBRAMENTOS SOCIAIS EM PIRANHAS EM FINS DO SÉCULO XX

A cidade de Piranhas fica localizada no interior do estado de Alagoas, fazendo divisa com o estado de Sergipe, sendo a cidade de Canindé de São Francisco sua vizinha, bem como é a cidade que, junto com Piranhas, abriga a maioria dos trabalhadores e suas famílias que se dirigem para a região para trabalhar na construção da usina de Xingó na década de 1980. Quando se torna independente da cidade de Pão-de-Açúcar, em 1887, recebe um fluxo maior de pessoas circulando por conta da ferrovia de Paulo Afonso - iniciada a sua construção em 1879 -, gerando assim um aumento no âmbito econômico e social da cidade.

Em julho de 1981, os estudos de viabilidade e a elaboração do Projeto Básico do Aproveitamento Hidrelétrico de Xingó, foram adjudicados à firma PROMON ENGENHARIA S.A, a qual, por disposição contratual foi incumbida de promover a avaliação dos estudos anteriormente desenvolvidos e efetivar a indicação do melhor local para a implantação da obra.³

Para que se entenda o tamanho da influência da Companhia e quais foram os desdobramentos sociais em Piranhas por conta de sua chegada, é preciso, primeiramente, entender o contexto da vida em Piranhas no período pré-instalação da Chesf.

No período anterior a Chesf, a dinâmica em Piranhas era diferente, era típica de cidades de interior em períodos como o fim século XIX e início do século XX, portanto, não havia muita influência direta de outras localidades, a vida pacata e simples era vista em todo o território local. A população piranhense vivia basicamente da pesca, o que era facilitado pois a cidade fica à margem do rio São Francisco, além de existirem pequenos comércios e trabalhos direcionados pelo governo municipal.

O lugar da implantação da cidade oferecia todas as exigências. Contava, primeiramente, com a presença do rio (dessedentação, higienização e limpeza, alimentação, comunicação e lazer). Sua vocação portuária tinha importância por ser o último porto seguro do Baixo São Francisco a proporcionar uma constante comunicação com os viajantes e outras comunidades. [...] As ocupações, em sua maioria, estão relacionadas a pesca, confecção de petrechos, covos, redes, tarrafas – e carpinteiros a beira do rio, que constroem e consertam embarcações. [...] É através do desenvolvimento da navegação a vapor, 1867, que Piranhas de Cima começa a se desenvolver, pelo estabelecimento de linha regular entre as cidades de Penedo e Piranhas, reforçada pela implantação da ferrovia poucos anos mais tarde. Essa cadeia associada mudou totalmente as condições de comunicação entre o litoral e o sertão, possibilitando o crescimento e autonomia de Piranhas.⁴

O maior ponto comercial e social da cidade desde fins do século XIX e que sustentava a base econômica da cidade era a ferrovia, que funcionava como transporte comercial dos produtos, o que proporcionava uma distribuição em maior escala e com mais rapidez.

3. Relatório para escolha do local de aproveitamento hidrelétrico de Xingó, p.4.

4. SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas: Conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó**, p.: 29 e 32 pdf.

Em 5 de julho de 1879, através do decreto nº 7323, foi inaugurado o trabalho de construção da linha férrea de Piranhas e, cinco anos mais tarde era inaugurado o trecho final em Jatobá, atual Petrolândia.

A referida estrada abrangia os Estados de Pernambuco e Alagoas, possuía 116 km de extensão e margeava o rio São Francisco. Era constituída pelas estações ferroviárias de Piranhas (km 0), Olho D'água do Casado (km 28), Talhado (km 41), Delmiro Gouveia (km 54) e Sinimbu (km 70), em Alagoas; Volta (km 84), Quixaba (km 102), Petrolândia (km 116), em Pernambuco. O trem era misto, transportava passageiros e mercadorias – sendo na estação de pedra, atual município de Delmiro Gouveia, um grande entreposto comercial.⁵

Essa dinâmica persiste até a década de 1960, quando, em 1964, ferrovia é desativada, deixando Piranhas em uma grande estagnação por volta de uma década. Esse panorama de estagnação só volta a mudar quando ocorre na cidade a instalação da Chesf, que propõe um novo tipo de modernidade em Piranhas e projeta vários empregos na cidade, por conta as obras realizadas pela Companhia no início da década de 1980.

Com a desativação da estação ferroviária de Piranhas na década de 60, a cidade sofreu forte impacto nos aspectos sócio-cultural e econômico, testemunhando a saída dos trabalhadores da Rede Ferroviária, o esvaziamento das casas; a diminuição da população e a perda de figuras importantes que, ligadas à Estação, estimulavam a cultura local. (RODRIGUES, 1999, apud, BARROS, 2005, pg.87).⁶

Com o estabelecimento da Chesf na cidade, como visto acima, essa dinâmica começa a mudar. No prisma econômico, Piranhas volta a se reerguer, pois, aumenta-se a geração de emprego, o que leva a necessidade do comércio se expandir, melhorando assim a economia local. Por outro lado, no prisma social, a chegada de dezenas de pessoas para também trabalharem na construção e manutenção da hidrelétrica é o cerne da mudanças e conflitos sociais pois a dinâmica de interação entre essas duas populações – agora localizadas em Piranhas -, acontece de forma desigual.

Esses trabalhadores recém-chegados, ou como Norbert Elias⁷ chama “estabelecidos”, em seu livro *“Estabelecidos e Outsiders”*, onde ele estuda a interação de uma população local de Leicester e uma população recém estabelecida na cidade, pode ser aplicada, em certo nível, na leitura do que ocorreu em Piranhas. Portanto, esses recém-chegados, vindo de outras localidades e contratados pela Chesf se estabelecem em Piranhas, no acampamento Chesf⁸. Para abrigar essas pessoas, a Companhia promove a construção de dois bairros, são eles o Bairro Xingó (subdividido em duas vilas: Vila Sergipe e Vila Alagoas), e o Bairro Nossa Senhora da Saúde. A forma que se construiu esses bairros

5. SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. op-cit, p. 35-36 pdf.

6. SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. SICG - M102 - Contexto Imediato documento IPHAN. Oficina de Projetos Ltda. Agosto de 2014, p.10.

7. Professor e sociólogo de grande destaque no século XX.

8. Como ficou conhecido no período os bairros que foram construídos pela Chesf para abrigar esses trabalhadores de fora e suas famílias.

é o início de conflitos e rivalidades entre a população, pois, a forma que a Chesf dispõe as pessoas nesses bairros impulsiona uma relação de desigualdade ente eles. Podemos ver um pouco dessa relação na fala de um morador de Piranhas:

Olha, a Chesf tinha uma visão extremamente reacionária, discriminatória; quando se começaram as primeiras hidrelétricas – começou em Paulo Afonso aqui no Nordeste -, a Chesf construiu o seu acampamento e discriminava quem era engenheiro, quem era advogado, quem era do segundo escalão, do terceiro escalão, uma coisa extremamente, é, inconstitucional até [...] com a construção da hidrelétrica de Xingó já não teve muro, mas continuou com esse mesmo pensamento, é, vila Sergipe eram os nobres, que eram os engenheiros, os mais qualificados profissionais que viriam trabalhar na questão da hidrelétrica, e, a vila Alagoas, exatamente ficava aqueles funcionários com menor poder aquisitivo.⁹

Primeiramente, a relação desses “estabelecidos” - para usar o termo desenvolvido por Norbert Elias -, com a população local foi de estranhamento, por conta das diferentes formas de vivência, ou seja, não existiu identificação entre esses grupos, por causa dessa não identificação, acaba ocorrendo um certo isolamento da população local pelos recém-chegados, dessa forma, os primeiros ficam desvinculados de todo o contexto e mudança que são trazidos e implementados nos novos bairros pela Chesf, isso ocorre pelo menos durante o período de maior atuação da Companhia na cidade.

O Bairro Xingó era uma bolha, e quem estava fora da bolha era e se sentia excluído, tudo isso gerava um sentimento de segregação e exclusão, e quem está incluso era beneficiado pelo equipamentos públicos e serviços, gozavam de privilégios jamais oferecidos pelos serviços públicos e privados na região. Mesmo o público dito privilegiado no bairro vivia uma situação de segregação, uma vez que eram estabelecidos padrões de consumo entre as pessoas, era visível um materialismo no dia a dia das pessoas para enquadrar-se nos padrões de vida do bairro, um classismo exacerbado que não refletia a condição de vida real das pessoas, existia uma juventude numerosa e pujante, foram feitos muitos investimentos em entretenimento e esportes, existiam vários shows, campeonatos nos clubes, festas anuais como garota sertão, baile do Havaí, as tardes dançantes, manhãs de Sol, show de artistas de renome nacional e regional, entre outros eventos.

Mesmo assim, todo este formato de segregação e separação social gerou conflitos significativos, alguns jovens se organizavam em grupos ou gangs, que se enfrentavam no fim das festas dos clubes, existia certa violência, brigas, conflitos, isso não só se estendia aos grupos da Vila de baixo-pobre (Vila Alagoas) e Vila de Cima-ricos (Vila Sergipe) como chamavam na época, mas também à jovens de cidades vizinhas, como Canindé de São Francisco, Olho D'água do Casado, Delmiro Gouveia, Poço Redondo entre outras. Tudo isso porque os mesmos também se propunham a acessar os serviços ofertados no bairro, participar das festas, frequentar os clubes, instalados em sua região, mas muitas vezes se deparam com dificuldades e até barrados no acesso, sem serem acolhidos, tudo isso tornava-se uma situação muito difícil para populações locais originárias da região.¹⁰

9. I.L. Entrevista concedida em Piranhas, em 10 de setembro de 2016.

10. JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

Elias tem uma visão interessante sobre essa questão de isolamento em sociedades que se deparam com “outsiders”:

[...] Vez ou outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto representam) como humanamente superiores. [...] Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos de seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso de Winston Parva, de uma povoação da classe trabalhadora estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores.¹¹

No caso de Piranhas, seguindo o estudo de Elias, quem se destaca como “superior” são os “outsiders”, os recém-chegados, e a população local acaba se distanciando do contexto da Chesf, pelo menos em um primeiro momento, pois com o tempo, as relações se estreitam.

Na realidade, a pequena e pacata Piranhas, adormecida desde a desativação da ferrovia na década de 60, não estava acostumada com a velocidade das transformações imposta pela construção da usina. O ritmo acelerado da obra, o vai-e-vem das pessoas, principalmente aquelas que estavam chegando para ficar – assustava e ao mesmo tempo fazia renascer momentos de prosperidade até então esquecidos. [...] Com a dimensão que o bairro de Xingó se tornou, passou a ser o centro das atenções e com a autonomia urbana do bairro de Xingó, concentração e comércio e serviços (não se falava mais em Piranhas como cidade, a escala do bairro assumia as proporções de cidade), e a parte mais antiga da cidade de Piranhas passa a ser frequentada por abrigar a Sede do Governo Municipal, pelos visitantes e pela sua prainha tida como a melhor da região. A vida em Piranhas continua calma pacientemente acomodada sobre as serras rochosas. Um certo isolacionismo é observado em relação àquela população atraída do bairro Xingó.¹²

Na relação entre os próprios recém-chegados, a forma como a Chesf os dispôs nos bairros – o que é feito seguindo a lógica do poder econômico e status quo -, faz com que, já de início, não aconteça uma identificação natural entre os mesmos, e isso gera mudanças comportamentais de uns em relação a outros, dentro dessa dinâmica pré-estabelecida pela Chesf, como demonstra um morador da cidade:

11. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 2000, p.: 19, 20.

12. SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. op-cit, p. 51 e 54 pdf.

É, convivência tinha sua separação porque, já foi criado três tipos de residência justamente para alojar as pessoas de acordo com a classe né, por exemplo, [...] criaram os bairros (sic), vila Alagoas, vila Sergipe, justamente a vila Sergipe fizeram ela para separar de acordo com a classe, não a classe social assim, mas com a classe empregatice (sic), por exemplo, se fosse um doutor, um engenheiro e fosse daquela classe ali, tinha suas casas na vila Sergipe, morava na vila Sergipe, tinha o clube separado também, que era o clube Atalaia, e o pessoal que trabalhava já ne (sic) outra área, por exemplo, a de encarregado, assistente administrativo, já morava na vila Alagoas [...].¹³

Essas divergências surgem por conta das diferenças econômicas que foram exaltadas pela Chesf, de início nas estruturas das casas nos bairros, como vemos na citação acima, até interferir no ir e vir de parcela dessa população. Como Silva explana em sua dissertação, “O conflito estabelecido entre esses dois mundos, Piranhas Sede do Governo e bairro de Xingó, nos reporta as coisas da realidade vivenciada pelos seus (velhos e novos) moradores, verdadeiros atores dessa dinâmica que o espaço físico territorial sedimentou”. (SILVA, 2003, p. 68).

Outro caso que demonstra essa separação impulsionada pela Chesf, além da distribuição das pessoas nos bairros, é a forma de transporte concedido pela Companhia para as pessoas se dirigirem ao trabalho, como podemos ver:

... também tinha aquela discriminação nos transportes, pra peãozada, que trabalhava no braçal mesmo, era caminhão grande, coberto de lona, e pra classe empregaticia (sic) de encarregado, auxiliar administrativo, encarregado de... e alguns da classe da outra também, da como é que diz, do, do seu ponto de emprego, até o pessoal de engenheiro, até engenheiro as vezes, engenheiro, médico, ia também de ônibus também, mas a maioria tinha seus carros próprios, próprio não, da empresa né.¹⁴

Esses casos servem para nos mostrar o tamanho da influência e do poderio rapidamente conquistado pela Chesf na cidade e como sua intervenção modifica, em essência, a forma da população piranhense se relacionar, através da distinção territorial e de poder econômico e, de forma mais destacada, pelo status quo que se desenha para a população a partir das ações da Chesf na cidade. São esses desdobramentos sociais que consideramos negativos em relação a participação da Chesf em Piranhas.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs, de forma inicial, a explicar quais foram os desdobramentos e consequências sociais provenientes da instalação e intervenção da Chesf na cidade de Piranhas.

Entendeu-se que a modernização trazida pela Companhia para a cidade, junto com a promessa de alavancar uma volta econômica para Piranhas – algo que ocorre

13. BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida em Piranhas em 16 de julho de 2016.

14. Idem.

por conta das gerações de emprego decorrentes da instalação da mesma o que faz com que a Companhia consiga um poderio grande e rápido na cidade -, porém, isso trouxe consequências sociais de desconformidade para com a população por conta de como foram impostas as condições para seus moradores, percebendo-se um teor excludente da Companhia relacionado ao status quo e poder econômico dessa população, principalmente a dos trabalhadores migrantes.

Essa visão de benefício econômico que, de fato, ocorreu na cidade e foi proporcionado pela Chesf, de certa forma, pelo que vemos, esconde as decisões tomadas nas relações sociais e culturais, que poderiam não ser interessantes para a população, como é o caso das distribuições dos bairros da Chesf. A dinâmica e estrutura dos bairros, em especial, do bairro Xingó, representou a consolidação de um novo período em Piranhas, fosse em relação econômica ou mesmo cultural e social, pois, esses conjuntos habitacionais construídos pela Chesf – bairro Xingó (vilas Sergipe e Alagoas) e bairro Nossa Senhora da Saúde -, abrigaram relações de poder estruturadas pela Companhia e aplicadas em favor ou contra parcela dos *estrangeiros* que lá residiam. Nesse sentido, o bairro Xingó, em certo momento, ganha uma dimensão enorme na região, sendo reconhecido como cidade¹⁵, havendo ainda mais um silenciamento da população já estabelecida de Piranhas, ou seja, há um silenciamento do “antigo”, do que veio antes da Companhia.

Esse poderio e influência se tornam tão grande, ganha uma dimensão enorme, que a própria população excluída não enxerga, conscientemente, a discriminação que os cercam, e que muitos deles sofrem, vendo apenas, de forma ampla, o que de positivo a Companhia realizou e trouxe para Piranhas.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 2000.

BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida em Piranhas em 16 de julho de 2016.

I.L. Entrevista concedida em Piranhas, em 10 de setembro de 2016.

JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da História do Baixo São Francisco**: Um ensaio sobre a estrada de Ferro de Paulo Afonso. Centro de ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol.4 nº 8 abril/setembro de 2003 – semestral.

OLIVEIRA, Rezilda Rodrigues. **A Chesf e o papel do Estado na geração de energia elétrica**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.32, nº 1, P. 10-35, jan-mar, 2001. Acesso em 08/12/2018.

15. SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. op.cit, p. 52.

RODRIGUES, Rosiane. **Piranhas**: O retrato de uma cidade. Maceió, ed. Cataventos, 1999.

SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. SICG - M102 - Contexto Imediato documento IPHAN. Oficina de Projetos Ltda. Agosto de 2014.

SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas**: Conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó.

Relatório para escolha do local de aproveitamento hidrelétrico de Xingó.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184





U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br